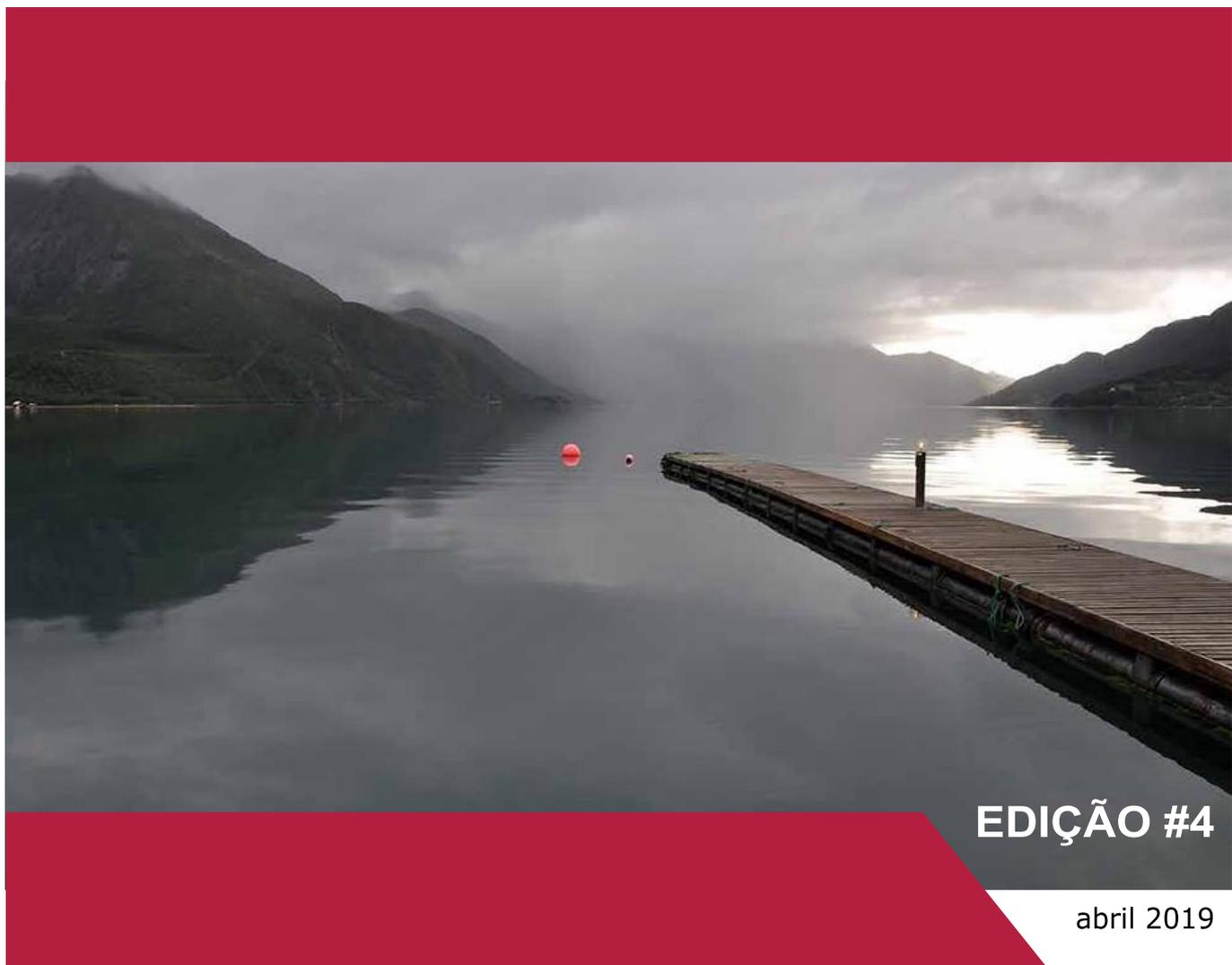


infOTRAUMA

NEWSLETTER DO **CENTRO DE TRAUMA**

CES/Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra



EDIÇÃO #4

abril 2019

Publicação do **Centro de Trauma** do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra

www.ces.uc.pt/centrodetrauma

CENTRO DE TRAUMA
CES / CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS - PORTUGAL



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



Organização
das Faculdades de
Ciências e Educação
e Ciências e a Cultura



Universidade de
Coimbra - Alta e Sã
faculdade de Ciências e Humanidades
Fundada em 1128

ÍNDICE

EDITORIAL	2
ACONTECEU	
FORMAÇÃO	
III Curso de Formação em Psicotraumatologia.....	3
From Trauma to Resilience: Giving Voice to Values.....	4
COLÓQUIOS	
Trauma e Interculturalidade	4
O Trauma no Olhar de Diferentes Culturas	5
Stress Traumático a Transmissão Intergeracional	7
OUTRAS ATIVIDADES	
Como Impedir o Trauma.....	8
Board ESTSS/ESTSS Future Leadership Group	9
Visita da Presidente da ESTSS	10
Solidariedade com Moçambique	10
Investigadores do Centro de Trauma	11
HOMENAGEM	
José Arruda, presidente da ADFA.....	12
VAI ACONTECER	
16ª Conferência da ESTSS	13
Investigadores do Centro de Trauma	13
PARCEIROS	14
PONTOS DE VISTA	15
Opinião de Érica Kawakami	16
Entrevista a Faranaz Keshavjee	17
PUBLICAÇÕES	
TOP4 TRAUMA.....	21
TRAUMA E MÉDIA	22

A Transculturalidade do Trauma...

Um trauma implica, entre outros fatores, uma experiência de descontinuidade, de rutura em relação às crenças e padrões de segurança anteriores.

De facto, para além das particularidades do acontecimento traumático e das características específicas das potenciais vítimas, a capacidade do indivíduo (e da comunidade) para lidar com o trauma é marcada pelos contornos da matriz cultural, dos fatores ambientais, do aqui e agora em que ocorre a experiência. Essa marca revela-se quer através das estratégias adotadas para resolução e (re)significação da experiência traumática, quer através das respostas de suporte social e de reabilitação que são consequentemente implementadas, contribuindo, de forma determinante, para o evoluir de uma experiência traumática aguda, no sentido do superar do acontecimento ou da sua transição para um trauma crónico.

Daí que, num mundo globalizado, perante os fluxos migratórios ocasionados por eventos geradores de trauma, seja indispensável ter em conta o impacto dos distintos valores e diferentes normas do indivíduo que chega, da comunidade que recebe. Que fatores de agravamento, que estratégias de proteção podem proporcionar as diferentes visões das diferentes culturas?

Estas questões foram motivo de reflexão do **Centro de Trauma** nos últimos meses: estiveram na origem de parte das nossas atividades, serviram de base a alguns dos nossos projetos e foram teia de construção desta newsletter, que partilhamos.

Luísa Sales | Coimbra, 12 de abril de 2019

Coordenadora do Centro de Trauma do CES/UC

formação: III CURSO DE FORMAÇÃO EM PSICOTRAUMATOLOGIA

A 3ª. edição do **Curso de Formação em Psicotraumatologia** chegou ao fim, com um encontro subordinado ao tema "**Ameaças em Curso: Traumas Anunciados?**". O evento teve lugar no dia 15 de dezembro de 2018, no Auditório do Hospital Militar de Coimbra.

O alastrar do mundo digitalizado e da inteligência artificial, o impacto das alterações



climáticas, a emergência de populismos e o atual aumento da esperança de vida, com as suas múltiplas consequências para as comunidades foram os temas em debate. O encontro foi moderado por dois estudantes da Universidade de Coimbra (UC), **Cátia Soares** (FEUC) e **Daniel Wildt Rosa** (FEUC/FLUC) e contou as seguintes intervenções:

- **Carlos Fiolhais** (Diretor do Rómulo – Centro Ciência Viva da UC): *O medo do futuro: desafios na inteligência artificial e na genómica*
- **Helena Freitas** (Professora catedrática da FCTUC, Coordenadora do Centro de Ecologia Funcional): *Sobre a importância e o impacto das alterações climáticas*
- **Manuel Loff** (Historiador, Professor associado da UP): *Neautoritarismos e populismos: como emergem as transições autoritárias no séc. XXI*
- **Anabela Mota Pinto** (Professora Catedrática da FMUC): *Longevidade e Qualidade de Vida – Este País é para Velhos?*

Esta foi a 14ª. e última sessão do curso iniciado a **28 de outubro de 2017**, promovido pelo CT e com acesso à certificação da Sociedade Europeia para os Estudos do Stress Traumático (ESTSS).

O encontro encontra-se disponível online para os associados do **Centro de Trauma** (acesso por solicitação através do email do CT- centrodetrauma@ces.uc.pt).

formação: **FROM TRAUMA TO RESILIENCE: GIVING VOICE TO VALUES**

A convite do **Centro de Trauma**, Gwynyth Overland (Southern Norway Trauma Centre/ International Society for Health and Human Rights) realizou um workshop subordinado ao tema "**From Trauma to Resilience: Giving Voice to Values**". O evento aconteceu no dia 27 de fevereiro, no CES Lisboa.



Considerando a relevância do tema em tempos recentes e a crescente procura do território português como local de asilo, o workshop debateu o papel da cultura, religião e valores na reação a eventos traumáticos. A formadora partilhou as suas experiências e conhecimentos centrados na questão das migrações e da forma como lidamos com diferentes culturas.

colóquios: **TRAUMA E INTERCULTURALIDADE**

No âmbito das comemorações dos **40 anos** da sua fundação, o Centro de Estudos Sociais (CES) organizou um colóquio internacional que serviu, em simultâneo, de homenagem ao seu fundador, **Boaventura Sousa Santos**.

O **Centro de Trauma** (CT) participou com uma mesa subordinada ao tema "**Trauma e Interculturalidade**", que decorreu no dia 7 de novembro, na sala 3.2 da Faculdade de Economia da UC. O debate, moderado pela coordenadora do CT, **Luísa Sales**, contou com as seguintes intervenções:

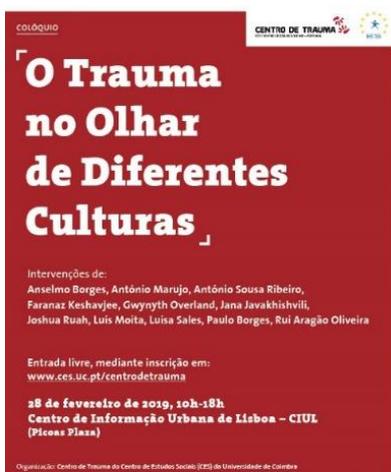
- **Faranaz Keshavjee** (especialista em estudos islâmicos, membro da Comunidade Muçulmana Xiita Ismaelita): *As identidades sociais dos adolescentes muçulmanos portugueses de ascendência Sul-asiática - explorando estabilidade e mudança através da teoria das representações sociais.*
- **Fátima Guterres** (timorense, que viveu a ocupação indonésia, a morte de familiares, a prisão e a tortura): *Sobreviver ao trauma: a escrita de "Timor, paraíso violentado"*

- **Inês Rodrigues** (investigadora do CROME/CES, autora de "Espectros de Batepá"): *Trauma e narrativas pós-coloniais em São Tomé e Príncipe: algumas notas a partir do 'Massacre de 1953'*

- **Joshua Ruah** (médico, Membro da Associação Portuguesa de Estudos Judaicos): ... *Sim! Todos somos responsáveis uns pelos outros...*



colóquios: O TRAUMA NO OLHAR DE DIFERENTES CULTURAS



No passado dia 28 de fevereiro, o **Centro de Trauma** promoveu o colóquio "O Trauma no Olhar de Diferentes Culturas", que serviu, simultaneamente, como sessão de entrega de diplomas do **III Curso de Formação em Psicotraumatologia**. O evento teve lugar no CIUL - Centro de Informação Urbana de Lisboa (Picoas Plaza).

Considerando o papel das religiões nas representações de cada indivíduo, o CT propôs-se discutir, em conjunto com especialistas de diferentes orientações religiosas, os distintos olhares através dos quais as religiões elaboram o sofrimento decorrente de um evento traumático - intervindo como fator gerador de agravamento, stressor secundário ou, pelo contrário, sendo fator de proteção e estratégia positiva de *coping*.

O colóquio teve moderação de **António Sousa Ribeiro** (Diretor do CES), **António Marujo** (Jornalista do jornal digital Sete Margens) e **Luísa Sales** (Coordenadora do Centro de Trauma) e contou com as seguintes intervenções:

- **Anselmo Borges** (Padre, Professor universitário) – *O Trauma no Olhar de Diferentes Religiões*

- **Faranaz Keshavjee** (Investigadora em migrações no Instituto de Ciências Sociais, Especialista em estudos islâmicos) – *Como ajudam as comunidades baseadas na fé a lidar com experiências traumáticas? O caso da comunidade Ismaelita-Muçulmana em Portugal*
- **Gwynyth Overland** (Socióloga da religião, Conselheira Especial do Regional trauma centre in Southern Norway) – *Overcoming potentially traumatic events: a role for culture, religion and values?*
- **Joshua Ruah** (Médico) – *O humor: uma arma contra a adversidade*
- **Luís Moita** (Professor da Universidade Autónoma de Lisboa) – *O sentimento religioso, entre a culpabilidade e a consolação*
- **Paulo Borges** (Filósofo, cofundador e ex-presidente da União Budista Portuguesa, presidente do Círculo do Entre-Ser) – *O despertar do sonho traumático do "eu" na visão do Buda*
- **Rui Aragão Oliveira** (Psicanalista, Presidente da Sociedade Portuguesa de Psicanálise) – *Traumatas extremos, limites humanos: contributos da psicanálise*



A Presidente da ESTSS, **Jana Javakhishvili**, marcou também presença na cerimónia de entrega dos certificados do Curso em Formação em Psicotraumatologia, deixando uma pequena reflexão sobre os desafios da Psicotraumatologia numa Europa cada vez mais multicultural.

O colóquio, no qual o público, com proveniências diversas, se revelou muito motivado e participante, estará disponível a partir de 26 de abril em saladeimprensa.ces.uc.pt.

colóquios: **STRESS TRAUMÁTICO E TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL**

JANEIRO a ABRIL 2019
DEBATE

STRESS TRAUMÁTICO E TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL

PROGRAMA
2 março 2019 - sábado, 15h
Auditório do Museu do Aljube

Encontro com **Jana Javakhishvili**
(Diretora do Instituto de Dependência da Ilia State University em Tbilisi, na Geórgia e actual presidente da ESTSS - European Society for Traumatic Stress Studies)

Participação de Afonso Albuquerque (Psiquiatra, pioneiro no apoio a presos políticos), **Aurora Rodrigues** (Presa e torturada pela PIDE em 1973), **Diana Andringa** (jornalista, investigadora do Centro de Trauma/CES) e **Luísa Sales** (Psiquiatra, Coordenadora do Centro de Trauma/CES).

Com tradução simultânea.

Por favor, confirme a sua presença para: info@museudoaljube.pt
Mais informações: www.museudoaljube.pt | (+351) 218 818 835
Rua de António Rosa, 42, 1100-059 Lisboa

Imagem: Sala de Interrogatório com câmara de tortura da PIDE. Sítio de reportagem "World in Action" da Granda Televisão, realizado pouco tempo depois do dia 25 de abril de 1974.

CENTRO DE TRAUMA CES
1 EGEAC

O **Centro de Trauma**, em colaboração com o Museu do Aljube – Resistência e Liberdade, promoveu, no dia 2 de março, o encontro “**Stress Traumático e Transmissão Intergeracional**”. O objetivo foi debater o possível stress traumático associado à opressão política, à prisão e à tortura, bem como o seu efeito nos que foram vítimas diretas e a possibilidade da sua transmissão às gerações seguintes.

O debate, que teve lugar no Auditório do Museu do Aljube, contou com a intervenção de **Jana Javakhishvili**, presidente da ESTSS e Diretora do Instituto de Dependência da Ilia State University (Tbilisi, Geórgia), e com as participações de **Aurora Rodrigues** (presa e torturada pela PIDE em 1973), **Diana Andringa** (jornalista e investigadora do CT) e **Luísa Sales** (psiquiatra e coordenadora do **Centro de Trauma**).



A gravação do encontro encontra-se disponível para consulta no arquivo do Museu de Aljube. Um excerto da apresentação pode ser visualizado em www.facebook.com/centrodetrauma.ces.

outras atividades: **COMO IMPEDIR O TRAUMA**

O **Centro de Trauma** continua empenhado na reflexão das múltiplas questões ligadas ao trauma psicológico decorrente de crises, desastres ou catástrofes.

Assim, no seguimento dos vários encontros alargados "**Depois do fogo: como impedir o trauma**"¹, realizados após os incêndios de 2017, o CT divulgou um conjunto de reflexões, com o objetivo de melhor prevenir o futuro. O documento, disponível online (www.ces.uc.pt/centrodetrauma) foi apresentado no passado mês de novembro junto de vários órgãos de decisão, nomeadamente Presidência da República, Governo, grupos e comissões parlamentares, autarquias e ainda Ordens dos Médicos e dos Psicólogos. O **Centro de Trauma** recebeu respostas positivas por parte das entidades mencionadas, que se comprometeram a fazer chegar as conclusões junto dos meios que operam no terreno.



Sustentando o propósito de divulgar, junto da população em geral, as formas de prevenir e superar experiências traumáticas, o CT foi atualizando com regularidade, ao longo dos últimos meses, a sua **Bolsa de Terapeutas de Trauma Psicológico** e o dossier informativo "**Desastres Naturais e Impacto na Saúde Mental**" (disponíveis online, em www.ces.uc.pt/centrodetrauma), mantendo igualmente ativo o email de contacto para dúvidas ou emergências (traumasos@ces.uc.pt).

¹ Participaram: Comissão de Acompanhamento da população afetada pelos incêndios de 2017, Cruz Vermelha Portuguesa, INEM, GNR, PSP, Segurança Social, Proteção Civil, Liga dos Bombeiros Portugueses, ANAFS, GARE, Centro de Psicologia da Força Aérea, EPJ, NAV Portugal, APAV, SRPC/IP-RAM, SRPCBA, Sindicato dos Jornalistas, Casa da Imprensa, Ordem dos Médicos, Ordens dos Psicólogos, DGS, Centro de Psicologia do Trauma e do Luto, Médicos do Mundo, Liga dos Combatentes, autarquias e médicos de algumas das reuniões afetadas.

Quase dois anos depois da tragédia em Pedrógão Grande, o **Centro de Trauma** continua a acompanhar com preocupação as ainda visíveis consequências psicológicas dos fogos de 2017, não só nas populações vítimas, mas também nos técnicos e profissionais que viveram de perto a situação. Por isso, este tema continuará a ser um foco importante do trabalho do CT, nomeadamente através da realização de ações formativas durante os próximos meses, correspondentes a uma época de maior risco de incêndios florestais.

outras atividades: **BOARD ESTSS/FUTURE LEADERSHIP GROUP**

O final de 2018 foi marcado por duas notícias que consideramos relevantes para todos os que, em Portugal, se interessam pelas questões referentes ao trauma psicológico.

Nas eleições do **Board Meeting da ESTSS**, que tiveram lugar em outubro, na Finlândia, a representante do CT, **Aida Dias**, foi eleita para o cargo de secretária, integrando assim o núcleo executivo da Sociedade Europeia.

Já a investigadora do **Centro de Trauma**, **Joana Proença Becker**, candidatou-se e foi selecionada para integrar o "**ESTSS future international leadership group**", um grupo criado pela Sociedade Europeia e composto por nove jovens investigadores de diferentes nacionalidades.



Da esquerda para a direita: Aida Dias e Joana Proença Becker

outras atividades: VISITA DA PRESIDENTE DA ESTSS

A recém-eleita presidente da Sociedade Europeia para os Estudos do Stress Traumático (ESTSS), **Jana Javakhishvili**, esteve em Portugal, participando em vários eventos organizados pelo **Centro de Trauma** nos últimos dias de fevereiro. Esta presença serviu para estreitar relações entre o CT e a ESTSS, através de um conjunto de reuniões que abordaram, entre outros assuntos, o papel a desempenhar pelas sociedades nacionais de trauma (entre as quais, o **Centro de Trauma**) na definição das políticas europeias de prevenção e resposta a eventos potencialmente traumáticos. Destaca-se que o tema base de estudo e intervenção da ESTSS dos próximos anos será a questão da deslocação forçada de populações e as suas consequências traumáticas.

outras atividades: SOLIDARIEDADE COM MOÇAMBIQUE

[Fotografia: Denis Onyodi/IFRC/EPA]

O **Centro de Trauma** manifesta a sua solidariedade para com as vítimas da tragédia em Moçambique, depois da passagem do ciclone Idai.

O CT não tem condições para uma intervenção no terreno e tem consciência das efetivas limitações existentes. Propõe-se, no entanto, prestar a ajuda possível. Para tal disponibiliza na sua página (www.ces.uc.pt/centrodetrauma) a todos os

afetados (quer os que estão diretamente no terreno, quer os seus familiares que poderão estar longe a aguardar notícias, quer ainda os que acompanham os terríveis relatos noticiosos que chegam do local) um dossier informativo, o acesso à sua bolsa de terapeutas e um e-mail de contacto direto (traumasos@ces.uc.pt) para dúvidas e consultas técnicas.

O CT destaca a necessidade de respostas informativas e de suporte (com base nas técnicas de primeiros socorros psicológicos em situações potencialmente traumáticas) dirigidas aos sobreviventes e familiares; a importância das estratégias de gestão de stress para prevenção de stress traumático secundário, orientadas para profissionais a trabalhar no terreno (bombeiros, militares, técnicos de primeiros socorros, profissionais de saúde, jornalistas); a necessária sensibilização/familiarização de professores nas Escolas para o impacto das notícias nos seus estudantes; a divulgação de orientações de suporte ao público em geral, exposto a imagens e notícias potencialmente traumáticas, capazes de causar perturbação e dano emocional (destacando nomeadamente, como evitar a traumatização secundária, como normalizar reações adaptativas e como sinalizar situações de potencial risco). Por fim, manifesta a sua disponibilidade para a realização de sessões de informação/formação (presenciais ou on-line).

outras atividades: **INVESTIGADORES DO CENTRO DE TRAUMA**

19 de março | A investigadora do **Centro de Trauma**, Joana Sousa Ribeiro, participou numa sessão de informação da organizada pela **Organização Internacional das Migrações** (OIM), dirigida a atores locais, sobre a Assistência à Reinstalação de Refugiados/as. A iniciativa teve lugar no Instituto Universitário Justiça e Paz, em Coimbra.

9 de abril | A investigadora do **Centro de Trauma**, Joana Proença Becker, participou no **EPA 2019 - 27º Congresso Europeu de Psiquiatria** que acontece em Varsóvia, na Polónia, com a comunicação "*The Post War: fighting against symptoms*". O evento é organizado pela Associação Europeia de Psiquiatria.

10 de abril | O investigador do **Centro de Trauma**, João Veloso, participou no **10º Congresso Internacional de Psicologia da Criança e do Adolescente - Psicoterapia e outras abordagens terapêutica** com a comunicação "*EMDR para Crianças e Adolescentes (EMDR C&A) e o Child Empowerment EMDR (CEEMDR), como novos métodos para desenvolvimento do vínculo e a resolução de eventos*".

traumático em crianças e adolescentes”.

homenagem: **JOSÉ ARRUDA, PRESIDENTE DA ADFA**



Em Portugal, o interesse pelas questões ligadas ao Trauma Psicológico foi despoletado, de forma determinante, pelo sofrimento emergente dos homens que tinham estado na Guerra Colonial.

Muitos deles regressaram patologicamente diferentes nos seus comportamentos, na expressão das suas emoções, na forma como se relacionavam com eles mesmos e com os outros. Expressavam um sofrimento que carregaram ao longo dos anos, por vezes exacerbado, por vezes retraído, mas sempre corroendo a saúde global dos próprios e quantas vezes também, a dos seus familiares. Essa realidade mantinha-se, no entanto, publicamente indizível, oculta por véus opacos de silêncios e de não ditos.

Progressivamente, de forma continuada e consistente, os véus foram sendo rasgados e todos íamos tomando consciência das marcas que persistiam, das respostas que não eram dadas.

Alguns homens e mulheres foram figuras determinantes nesse rasgar de véus, na necessária tomada de consciência dos resultados psicopatológicos da Guerra e nas conseqüentes lutas para que a intervenção terapêutica e a reparação fossem direitos reconhecidos e acessíveis a todos os que foram vítimas de experiências traumáticas.

Nesse processo destacou-se **José Arruda**, um dos fundadores da **Associação de Deficientes das Forças Armadas** (ADFA) e seu presidente, até 2019.

José Arruda faleceu no passado dia 26 de janeiro.

O **Centro de Trauma** associa-se ao aplauso que, unanimemente, os portugueses prestam à sua memória. Procuraremos manter o seu exemplo de luta contínua, de não esmorecimento, de busca das soluções mesmo quando os obstáculos parecem intransponíveis.

conferência: **16ª ESTSS Conferência**

A **16ª. Conferência da ESTSS - Sociedade Europeia para os Estudos do Stress Traumático** acontece de 14 a 16 de junho, em Roterdão, na Holanda. **“Trauma in Transition: Building Bridges”** (Trauma em Transição: Construir Pontes) é o tema desta edição, que terá como objetivo a “partilha de conhecimentos e experiências relevantes para o campo do stress traumático, construindo pontes entre diferentes perspetivas e países”.

O **Centro de Trauma** irá apresentar um conjunto de trabalhos científicos, da autoria das investigadoras **Diana Andringa, Joana Proença Becker, Luísa Sales, Margarida Figueiredo Braga e Teresa Borges**.

Mais informações sobre o evento em estss2019.eu.

outras iniciativas: **Investigadores do Centro de Trauma**

25 de abril | A investigadora do **Centro de Trauma**, Diana Andringa, publica um artigo na revista do Clube de Jornalistas, **Jornais & Jornalistas**, acerca da Perturbação de Stress Pós-Traumático (PTSD) em jornalistas. Mais informação em <http://www.clubedejornalistas.pt>.

junho | A convite do Núcleo Distrital da Guarda da **EAPN Portugal / Rede Europeia Anti-Pobreza**, o **Centro de Trauma** promove uma formação sobre como intervir em situações de catástrofe, dirigida aos técnicos da área social dos municípios que fazem parte das regiões da Beira Interior Norte e Serra da Estrela.

setembro | A Faculdade de Medicina da Universidade do Porto (FMUP) vai apresentar, a partir do próximo ano letivo, uma nova unidade curricular denominada **Psicotraumatologia - Fundamentos psicobiológicos e relevância na prática médica**, para estudantes do 5º ano do mestrado integrado em Medicina. Margarida Figueiredo Braga, investigadora do **Centro de Trauma**, será a docente responsável.

Neste espaço convidamos os nossos **parceiros** a divulgar as suas atividades relacionadas com a temática do trauma psicológico.



DESTACAMOS:

[APAV - 16ª Corrida de Solidariedade APAV: 25 de maio \(Reitoria da Universidade de Coimbra\)](#)

[ANAFS – 34º Curso Elementar de Operações de Socorro: 1 e 3 de junho \(ISLA Leiria\)](#)

[ESTSS 2019 - 16th European Society for Traumatic Stress Studies Conference: 14 a 16 de junho de 2019 \(Roterdão, Holanda\)](#)

Propomo-nos acolher e divulgar, nesta área da **infoTRAUMA**, depoimentos, opiniões e comentários acerca de acontecimentos (já ocorridos ou apenas previsíveis) relacionados com o **Trauma Psicológico**.

Todas as colaborações serão bem-vindas.



Nesta edição da newsletter, dedicada à transculturalidade do trauma, olhamos com especial atenção para as formas distintas como os indivíduos podem lidar com situações potencialmente traumáticas consoante a sua matriz cultural, embora num mundo cada vez mais globalizado e intercultural.

Érica Kawakami, psicóloga, Professora na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e colaboradora do CT, reflete sobre a importância da arte nas periferias brasileiras, como estratégia de prevenção do trauma.

Entrevistamos ainda **Faranaz Keshavjee**, especialista em estudos islâmicos e colaboradora habitual do **Centro de Trauma**, que nos dá a sua opinião sobre os principais desafios que a Europa atravessa, face à crescente multiplicidade de culturas e religiões.

Opinião - A arte nas periferias: estratégias de prevenção do trauma**Érica Kawakami – Rio de Janeiro****Érica Kawakami****Psicóloga****Professora na Universidade da
Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira**

[Fotografia: Márcia Foletto / Agência O Globo]

Gostaria de partilhar brevemente uma experiência que tivemos hoje, muito significativa e que me fez pensar bastante sobre os temas a que tem se dedicado com afinco o Centro. Conheci um museu que, na verdade, é um museu-casa-escola que nasce da percepção de que a violência sistemática (assassinatos de jovens negros nas favelas e periferias), na medida em que produz o encurtamento dos sonhos e a experiência psicológica do "acordei hoje" e isso é tudo o que tenho, exige respostas de enfrentamento que se constituam em parâmetros de orientação para o futuro e o incrível é o quanto a arte na favela, na casa onde o artista vive efetivamente, pode ser ao mesmo tempo uma experiência intensa de deslocamento físico e epistêmico, porque ao contrário dos museus convencionais, ele não está num espaço alheio às ruas onde as pessoas vivem, circulam, pegam o ônibus para o trabalho, onde as crianças brincam, negociam o seu cotidiano. Para se chegar a esse museu, é preciso caminhar pelo subúrbio, ouvir as vozes, sentir os cheiros, perceber as suas cores e não como aqueles passeios que agora são comuns no Rio, em que as pessoas vão às favelas em ônibus turísticos para apreciar o exótico, do alto do autobus, como a observarem animais na savana. O deslocamento epistêmico fica por conta da concepção de arte, mais alargada, são obras de artistas locais, que olham para o subúrbio por meio de uma estética artística descolonizada, humanizada a partir de seu lugar histórico, social e cultural para quem o subúrbio não é o lugar somente da violência, das perdas e do lixo, mas das respostas criativas, grandiosas, inusitadas de resistência e de existência. Para as crianças, jovens e os mais velhos que ocupam

o museu é uma experiência de reconhecimento que liberta. O arranjo e a seleção das peças é uma coisa que mexe connosco, também porque é uma construção coletiva que envolve toda uma comunidade, inclusive de crianças que encontram obras de artistas entre os resíduos que, em época de racismo e homofobia pronunciadas pelos governantes como a que vivemos agora, são simplesmente descartadas, jogadas fora.

Conto um pouco do que foi a beleza de hoje nesse museu na laje, porque esta semana vivenciamos outra tragédia na escola em São Paulo e precisamos seguir firmes.

Érica Kawakami | 16 de março de 2019

Rio de Janeiro

Entrevista "Desafios de uma Europa multicultural"

Faranaz Keshavjee - Lisboa



Faranaz Keshavjee

Especialista em estudos islâmicos

Investigadora em migrações no Instituto de Ciências Sociais – Universidade de Lisboa

Quais são os maiores desafios que a Europa atravessa para lidar com a sua crescente interculturalidade?

Neste momento, o maior desafio que nós temos tem que ver com um melhor conhecimento relativamente às religiões, não só a tudo o que tem que ver com o mundo das religiões, mas ao poder lidar com todos os religiosos que fazem parte do mosaico cultural europeu. A laicidade veio, no fundo, colocar cada coisa no seu lugar, veio distinguir entre o que é a vida religiosa e a vida política. Mas esta separação da esfera do religioso e do político trouxe outras consequências, nomeadamente o

laicismo, que é uma ideologia da laicidade que anula ou negligencia tudo o que tem que ver com o domínio do religioso, que o coloca no patamar do misterioso, do não racional. Portanto, este afastamento vem separar coisas que são inerentes ao próprio desenvolvimento civilizacional. Quando não queremos conhecer o religioso, no fundo, estamos a negligenciar a possibilidade de nos conhecermos a nós. Não vamos conseguir perceber alguns fenómenos. Por exemplo, porque é que os indianos na Índia esperaram que viessem os europeus para desenvolver todo um comércio no mar? Provavelmente, a explicação tem que ver com convicções religiosas, que impediram pessoas com determinada ideologia religiosa, que não podiam ter um contacto com os oceanos, com o mar e com os rios. Por exemplo, nós não podemos conhecer o capitalismo germânico sem conhecermos a ética protestante. E quando não estamos preparados para incluir a dimensão do religioso naquilo que são os fenómenos da atualidade, estamos a negligenciar o potencial de conhecer, efetivamente, o que somos todos nós. Porque somos fruto de um misto de ideologias, incluindo as religiosas. Portanto, por um lado temos essa lacuna. Por outro lado, ao negligenciar isto tudo, também separamos todos aqueles que fazem parte de vivências religiosas, deixamos cair no desconhecido. A multiculturalidade europeia pode causar ruturas dentro da própria sociedade, se continuar no desconhecimento sobre as dimensões religiosas de todos aqueles que fazem parte do museu cultural europeu.

O debate é suficiente para lidar com esta multiplicidade de culturas? Ou é preciso ir mais longe e aplicar políticas específicas?

É preciso continuar a trabalhar no sentido de trazer esse discurso, que ficou esquecido, para a luz do dia. É preciso trabalhar com ele, sobre ele e a partir dele. Senão vamos continuar neste desconhecido. Nós temos, efetivamente, uma sociedade que quer "normativizar", normalizar e tornar tudo muito igual. E tudo o que se destaca, o que sai fora da normalidade, tem que sofrer uma "martelada" para ficar igual aos outros. Mas, ao fazer isto, nós estamos a abafar o potencial que pode ser olhar para a diversidade. Não é apenas dizer "Que bom que somos todos diferentes", mas sim, "Como é que eu construo com a diferença?", mesmo que não goste dela. Este é um desafio que alguns têm apelidado de pluralismo. E o pluralismo é isso mesmo, como é que eu construo sociedades pluralistas, quando não só celebro a diferença, mas construo com ela e a partir dela? Acho que este é o grande desafio que nós temos. E isto passa pela vida académica, pelo trabalho de investigação que fazemos, de não "meter tudo no mesmo saco". E quando nós tivermos essa

capacidade de olhar para tudo, para a ciência, para a investigação, para a política, para todas as atividades que podemos levar a cabo para construir mais e melhor, quando tivermos em consideração que é nesta ótica pluralista que temos de construir algo, eu acho que aí nós vamos ultrapassar aquilo que muitos consideram choques civilizacionais. Porque não existem choques civilizacionais, existem é choques de ignorância. No fundo, as pessoas desconhecem, acham que para conhecer é preciso pôr tudo na mesma categoria. Esse tipo de lógica não resulta, porque estamos simplesmente a abafar aquilo que está em ebulição. Uma das medidas muito concretas que temos que adotar é começar pelo universo educacional, pelo ensino. Vou ser mais específica – e estou a ser irónica – nós temos um problema com a integração dos ciganos, os ciganos não se querem integrar; nós temos um problema com os muçulmanos, os muçulmanos têm um problema de identidade, vivem lá na sua “muçulmania”. Mas, comecemos pelo princípio, quando qualquer uma destas crianças, “diferentes” que compõem o nosso Portugal, parte para a instrução oficialmente convencionada, quando pega nos seus manuais escolares... E esses livros têm, nomeadamente, uma carga simbólica, bastante significativa, porque os pais vão encadernar, as crianças vão aprender a tratar o manual sem o estragar: no fundo instrumentalizam o saber, o conhecimento. Ora bem, quando a criança folheia aqueles manuais escolares, ela não se encontra a si própria, não encontra aquilo que faz parte da sua realidade. Ela, sendo portuguesa e querendo estar integrada (nem sequer equaciona que não esteja integrada), não se revê nos manuais escolares, não encontra uma criança cigana a aprender matemática, não encontra uma Fátima ou Bibi, seja qual for o nome muçulmano. Ela encontra aquilo que representa um discurso e uma representação social culturalmente dominante. Então ela não se revê naquilo que está a sua frente, naquilo que significa “conhecer”. A médio/longo prazo, aquele sujeito que não aparece representado naquilo que significa o conhecimento e a aprendizagem, como é que estamos à espera que um dia se integre? Porque os nomes que estão ali não são os nomes que eles usam. Não são os nomes dos chineses, que fizeram parte dos territórios chineses ocupados pelos portugueses, os moçambicanos, os angolanos, os cabo verdianos, os ciganos, não são os indianos que fazem parte da Índia portuguesa. Como é que podemos esperar que os outros, as pessoas que são provenientes de culturas distintas e diferentes daquilo que é o dominante numa sociedade, como é que podemos esperar que, se nós não as integramos, elas se sintam integradas?

Onde é que Portugal se situa, comparativamente a outros países europeus?

Ontem estava a ler um artigo muito interessante do meu orientador, Jorge Bala, em que ele fazia uma distinção muito clara entre o racismo e o preconceito rácio. Porque uma coisa é nos termos uma política institucionalizada para a discriminação; a outra é não ter essa política institucionalizada, mas termos o preconceito, portanto, não sermos capazes de efetivamente integrar. Eu acho que Portugal está nesta dimensão do preconceito. Nós continuamos a ser muito preconceituosos e isso pode limitar a possibilidade de fazermos algum trabalho para integrar os outros, que fazem parte de todos nós. Portugal não tem, ao contrário, por exemplo, de culturas do norte da Europa, nenhum tipo de estratégia racista. Quando o preconceito racial coloca uns mais acima e outros mais abaixo, ou seja, quando o preconceito racial pode criar assimetrias de poder... Portugal continua a ter estas assimetrias do poder baseadas no preconceito racial. Não se pode dizer que seja racista. Mas ainda tem muito trabalho a fazer para combater o preconceito. E como é que se combate o preconceito? Trabalha-se através do nosso sistema institucionalizado e oficial, de educação e de ensino. E, para mim, temos, inclusivamente, que trabalhar em duas áreas muito críticas, a academia e a política. São duas referências para a formação do pensamento social e em que podemos ver efetivamente representadas todas as diversidades que compõem este país. Isto já acontece no Reino Unido, na França, onde temos a academia e os parlamentos muito mais multiculturais... Em Portugal continuamos a ver um monolitismo que não é saudável, embora tenhamos todo o potencial para trabalhar noutra direção.

Faranaz Keshavjee | 5 de abril de 2019

Lisboa

Propomos neste espaço a consulta de alguns artigos científicos/livros recentes sobre a especialidade (**Top4Trauma**) e destacamos notícias, reportagens e vídeos sobre a temática do trauma psicológico na secção "**Trauma e Media**".

TOP4 TRAUMA

ARTIGOS:

1. Sousa Ribeiro, J. (2019). From interculturalism to inter-recognition: towards an ethico-onto-epistemological approach in migration research. *Journal of Multicultural Discourses*. 1-15.
2. Palgi, Y., Shrira A., Avidor S., Hoffman Y., Bodner, E., Ben-Ezra, M. (2019). Understanding the long-term connections between posttraumatic stress, subjective age, and successful aging among midlife and older adults. *European Journal of Psychotraumatology*. 10:1
3. Ajdukovic, D., Armour, C., Ardino, V., Arnberg, F., Dragan, M., Egreteau, L., El-Hage, W., Figueiredo-Braga, M., Hopchet, M., Javakhishvili, J., Kazlauskas, E., Lampe, A., Lis-Turlejska, M., Makhashvili, N., Mouthaan, J., Murphy, D., Nalyvaiko, N., Nazarenko, T., Sales, L., Schäfer, I., Sijbrandij, M., Vandamme, N. (2018). Trauma and trauma care in Europe. *European Journal of Psychotraumatology*. 9:1
4. Strøm, I., F.Kleindienst, N., Priebe, K., Petri, M., Hecht, A., Santangelo, P., Bohus, M., Schulte-Herbrüggen, O. (2017). Trauma-related memories in PTSD after interpersonal violence: An ambulatory assessment study. *European Journal of Psychotraumatology*. 8:1

LIVROS:

1. (2019) Cancro Sobre Papel: Estórias de oito mulheres Portuguesas entre palavra falada, arte e ciência escrita – Susana de Noronha, edição Almedina (Coleção CES-Almedina)
2. (2019) Declarações de Guerra: Histórias em carne viva da Guerra Colonial - Vasco Luís Curado, edição Guerra e Paz
3. (2018) The Boat People – Sharon Bala, edição Doubleday
4. (2013) Post Traumatic Survival: The Lessons of Cambodian Resilience – Gwynyth Overland, edição Cambridge Scholars Publishing

TRAUMA E MEDIA

REFLEXÕES:

1. 48 Retratos de guerra / 48 Bombas relógio / 48 Elegias (Margarida Calafate Ribeiro, investigadora do CES, Coordenadora do projeto MEMOIRS e associada do CT, 30 de março de 2019) – disponível em <http://www.memoirs.ces.uc.pt>
2. "Imaginem..." O trauma complexo dos refugiados (Bruno Brito, investigador do CT, 17 de dezembro de 2019) – disponível em <https://www.facebook.com/centrodetrauma.ces>
3. Quanto Vale a vida? Os traumas do quotidiano soterrado em Brumadinho (Érica Kawakami e Fulvio Severino, colaboradores do CT, 28 de fevereiro de 2019) – disponível em [facebook.com/centrodetrauma.ces](https://www.facebook.com/centrodetrauma.ces)
4. Moçambique vai continuar a precisar de nós (Faranaz Keshavjee, colaboradora do CT, 25 de março de 2019) – disponível em <http://visao.sapo.pt/opiniao/bolsa-de-especialistas>

REPORTAGENS:

1. **Discussão de traumas em contexto de crise, desastre ou catástrofe rege debate | Jornal Universitário de Coimbra – A Cabra | 14 dez, 2018** – Entrevista a Luísa Sales, coordenadora do CT-CES/UC, sobre a sessão final do Curso de Formação em Psicotraumatologia. – disponível em: <https://www.acabra.pt/2018/12/discussao-de-traumas-em-contexto-de-crise-desastre-ou-catastrofe-rege-debate/>
2. **O jornalismo está ao lado da polícia? É racista? | Rádio Renascença | 26 jan, 2019** – Declarações de Diana Andringa, investigadora do CT. – disponível em: <https://rr.sapo.pt/noticia/138840/o-jornalismo-esta-ao-lado-da-policia-e-racista>
3. **360 | RTP 3 | 20 mar, 2019** – Análise da tragédia em Moçambique pela psicóloga da Cruz Vermelha Portuguesa e investigadora associada do CT-CES/UC, Susana Gouveia – disponível em: https://www.rtp.pt/play/p2044/360?fbclid=IwAR2zH55upBoBYX4GNs6gK_wpNt6XaOeN0PDi38_HCk01yfZgqzwNAQyoOj8

MORADA

Centro de Trauma

Centro de Estudos Sociais (CES), Colégio da Graça
Rua da Sofia nº 136-138
3000-389 Coimbra
Portugal

CONTACTOS

Coordenação

Luísa Sales

E-mail: luisasales@ces.uc.pt

Secretariado

Teresa Borges

Telefone: +351 239 853 646

Telemóvel: + +351 926 562 085

E-mail: centrodetrauma@ces.uc.pt

www.ces.uc.pt/centrodetrauma

www.facebook.com/centrodetrauma.ces

